

TIC e as discussões sobre sexualidade na escola: o subsídio da tecnologia na ampliação dos debates

Katiana Souza SANTOS¹
Rarielle Rodrigues LIMA²
João Batista BOTTENTUIT JUNIOR³

Resumo

A utilização das TIC na educação, especialmente no aperfeiçoamento dos professores tem modificado as percepções de ensino-aprendizagem e possibilitado o debate de temáticas pouco discutidas no ambiente escolar, como a sexualidade. Temos como objetivo apresentar algumas considerações sobre as modificações da concepção de ensino-aprendizagem, o avanço das TIC, a sexualidade na escola e os parâmetros curriculares, além da interlocução da tecnologia e as discussões sobre sexualidade. Para conseguirmos alcançar nosso propósito utilizaremos as contribuições de Lévy (1999), Almeida (2009), Louro (1999), Quirino (2013) entre outros para a construção dos argumentos. Desse modo, podemos estabelecer que o apoio das TIC nas argumentações sobre sexualidade através de curso de aperfeiçoamento a distância ou projetos da web tem contribuindo para a construção e multiplicação dos conhecimentos teóricos sobre a sexualidade subsidiando a formação dos professores da rede de ensino.

Palavras-chave: TIC. Sexualidade. Educação.

Abstract

The use of ICT in education, especially in the development of teachers has changed the teaching and learning perceptions and enabled the thematic debate barely discussed in the school environment , such as sexuality . Aims to present some thoughts on the changes of the teaching-learning design, the advancement of ICT , sexuality at school and curriculum guidelines in addition to the dialogue of technology and sexuality discussions. To be able to achieve our purpose we will use the contributions of Lévy (1999), Almeida (2009), Blonde (1999), Quirino (2013) among others for the

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Interdisciplinar) - PGCULT/UFMA. E-mail: katianassantos@hotmail.com.

² Mestranda Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Interdisciplinar) - PGCULT/UFMA. E-mail: raruzinha@hotmail.com.

³ Doutor em Educação pela Universidade do Minho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Interdisciplinar) - PGCULT/UFMA. Email: joaobj@gmail.com

construction of arguments. Thus, we can establish that the support of ICT in arguments about sexuality through ongoing improvement of the distance or web projects have contributed to the construction and multiplication of theoretical knowledge about sexuality subsidizing the training of teachers in the school system.

Keywords: ICT. Sexuality. Education.

Introdução

As tecnologias da informação e comunicação têm nos possibilitado avanços no quesito educacional, principalmente com o uso da internet. O ambiente virtual é utilizado para discussões e produção do conhecimento em diferentes áreas com profissionais de diversas localidades geográficas. Nesse contexto interrelacional que as tecnologias na comunicação e informação, ou simplesmente TIC, nos possibilita, as discussões sobre temas como a sexualidade no ambiente escolar ganharam um novo fôlego e foram capazes de ampliar o espaço de troca e de construção de conhecimento através das interações dos diversos participantes da rede.

O alcance das discussões, as informações produzidas, os compartilhamentos de experiências e materiais favorecem a desmistificação de “tabus” dentro do ambiente escolar. Silva (2006, p. 11) comenta que em “uma sociedade rica em informação a escola já não embarga o monopólio do conhecimento” e por isso deve estar apta a possibilitar e aceitar novas construções.

As TIC proporcionaram modificações quanto à aquisição e elaboração do conhecimento, o contato com diversas pessoas de culturas diferentes tem potencializado a diminuição de fronteiras sociais e facilitado o debate em diferentes pontos de vista.

O surgimento de grupos de estudos, sites de aperfeiçoamento, blogs que discutem a temática estão pulverizados na rede, o que não se restringe às contribuições brasileiras. O intercâmbio de construções teóricas sobre a sexualidade na escola tem catalisado o debate e a visibilidade, além de pressionar politicamente por intervenções visando o respeito à diversidade.

Desse modo, apresentamos como objetivo desse artigo pontuar algumas considerações sobre as modificações da concepção de ensino-aprendizagem, o avanço

das TIC, a sexualidade na escola e os parâmetros curriculares, além da interlocução da tecnologia e as discussões sobre sexualidade. Para conseguirmos alcançar nosso propósito utilizaremos as contribuições de Lévy (1999), Almeida (2009), Louro (1999), Quirino (2013) entre outros para a construção dos argumentos.

Nosso trabalho se justifica por proporcionar novas possibilidades de interlocução com as TIC e os estudos sobre sexualidade na escola, apresentando alguns autores à discussão e despertando o interesse para possíveis contribuições empíricas na área de tecnologia e sexualidade na escola.

As modificações tecnológicas: educação e cibercultura

O ensino-aprendizagem na atualidade requer diariamente inovações que acompanhem as mudanças sociais, tecnológicas, culturais e históricas da sociedade. A escola, como espaço sagrado deste processo, tem sido chamada a adequar e rever suas metodologias, rompendo com vieses tradicionalistas que observavam o limite restrito da sala de aula como espaço infinito e absoluto da aquisição de conhecimento. A própria noção de aquisição de conhecimento é questionada, tendo como substituto os conceitos ampliados de construção de conhecimento por meio do processo de ensino-aprendizagem.

As versões mais tradicionalistas sobre a aprendizagem apresentam concepções deste processo como de mão única, onde um sujeito é detentor do saber e o outro que compõe a relação fica numa atitude de passividade, aguardando serem depositados conteúdos que formarão seu cabedal intelectual. Estes tipos de abordagens são descritos por aprendizagem repetitiva, definida como

Aprendizagem repetitiva se produz quando os conteúdos das tarefas são arbitrários (pares associados, números, etc), quando o aluno carece dos conhecimentos necessários para que os conteúdos resultem significativos, ou se adota uma atitude de assimilá-los ao pé da letra e de modo arbitrário (MADRUGA,1990, p. 83).

Esta perspectiva de se pensar o processo de ensino limita muito a elaboração de novas ideias, formas de pensamento e propostas inovadoras, visto que sua característica

conteudista e memorista é pautada no mecanismo da repetição. Na realidade atual, esta construção do conhecimento requer visões mais ampliadas e dinâmicas. Assim, o conceito de aprendizagem significativa, trabalhada por diversos teóricos da sociologia da educação e da pedagogia, nos parece mais adequado ao contexto contemporâneo, pois possibilita a exploração de novas técnicas e metodologias.

A aprendizagem significativa se distingue por duas características, a primeira é que seu conteúdo pode relacionar-se de um modo substantivo, não arbitrário, ao pé da letra, com conhecimentos prévios do aluno, e em segundo é que este há de adotar uma atitude favorável para tal tarefa dotando de significado próprio os conteúdos que assimila. (MADRUGA, 1990, p.83).

Desta forma a aprendizagem significativa possibilita uma relação direta entre ensino, aprendizagem, conhecimento, realidade e cotidiano. O aluno é incitado a construir a partir de experiências e conhecimentos já elaborados previamente, utilizando de elementos presentes na realidade, observando-os do ponto de vista daquilo que eles têm a contribuir, não partindo de uma hierarquização dos saberes e técnicas.

Observamos que há uma necessidade entre os teóricos da educação em discutir como o indivíduo atual, permeado por tecnologia, com acesso à informação e exposto a múltiplos estímulos que constrói o saber. Não é possível engessar este novo sujeito em métodos que não permitem ou incentivam a criatividade, a construção, a reflexão contínua e coletiva.

Lévy (1999) nos apresenta na obra *Cibercultura* um debate acerca das possibilidades e dos limites destes novos elementos da construção do saber. Destaca que as tecnologias são o “veneno” e o “remédio” da cibercultura, defendendo que a relação sociedade/tecnologia é de condicionamento e não de subordinação ou determinação. Expondo a construção histórica da técnica no seio social, mas isolando qualquer interpretação que encaminhe para análises pautadas no determinismo.

[...] o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance. E algumas

vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecida pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto na empresa como nas escolas (LÉVY, 1999, p. 98).

O ciberespaço seria um dos elementos que comporiam a infraestrutura técnica do virtual, compreendido numa acepção filosófica como “aquilo que existe apenas em potência e não em ato” (LÉVY, 1999, p. 47). Quando discute o virtual na contemporaneidade o autor conceitua que “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 1999, p. 47).

As tecnologias intelectuais favorecem o acesso à informação e, conseqüentemente, permite novas formas de construir o conhecimento. Portanto, o ciberespaço pode ser compreendido na análise feita pelo sociólogo acima citado como um ambiente de mediação, na qual os envolvidos se beneficiam pelas novas perspectivas epistemológicas da construção do saber coletivo.

O novo sujeito requer cada vez mais dinamismo no seu processo de educação, por isso pesquisadores se lançam em busca de metodologias inovadoras, que acompanhem os novos modelos de construção de conhecimento e visam inserir-se na frenética mutação por qual passa a sociedade.

Entretanto, tais mudanças não são exclusividade do século XIX, embora tenham se desenvolvido em parte neste contexto mais atual. Observamos que as tecnologias veem marcando a vida do indivíduo há muitos séculos, tendo por parâmetro de análise a realidade de cada momento histórico. Desta forma a invenção da escrita nas sociedades da Antiguidade, tanto no contexto ocidental, quanto oriental foram um marco para àquelas civilizações. O livro marca outro período importante da construção do conhecimento, visto ser um elemento fundamental na difusão do conhecimento na história da humanidade, embora restrito a determinados grupos. No tocante à tecnologia empregada na produção intelectual e física do livro podemos identificá-lo como essencial, naquele contexto, para a difusão da informação. Posteriormente são desenvolvidas muitas outras técnicas em vários campos da vida dos indivíduos, tendo

seu ápice no processo conhecido por Revolução Industrial, no século XVIII no continente europeu.

Hobsbawm (1969) afirma que as condições para a operacionalização da Revolução Industrial já eram presentes na Grã-Bretanha no século XVIII e esta foi a justificativa para que o país tomasse o pioneirismo do processo. O historiador ressalta que outras nações tinham as mesmas condições sócio-históricas para o desenvolvimento de tecnologias, mas nenhuma como no contexto inglês, bem como naquele país havia maiores elementos favoráveis ao desenvolvimento de mercados consumidores, nos limites nacionais e em outras localidades que dependiam economicamente e politicamente da potência mundial.

O Estado mais bem-sucedido da Europa no século XVIII, a Grã-Bretanha, devia plenamente o seu poderio ao progresso econômico, e por volta da década de 1780 todos os governos continentais com qualquer pretensão a uma política racional estavam conseqüentemente fomentando o crescimento econômico, e especialmente o desenvolvimento industrial, embora com sucesso muito variável. (HOBSBAWN, 2010, p. 22).

Após este momento de inovação tecnológica e avanço o mundo passa a vivenciar novas formas de relações produtivas e, conseqüentemente, novos arranjos sociais. Os séculos XIX e XX foram marcados por significativas mudanças, sendo uma de extrema relevância a invenção de máquinas com maior capacidade de armazenamento em memória, conhecidos na atualidade por computadores.

Há uma disputa acirrada pelo pioneirismo em relação ao computador, salvaguardadas as devidas discussões, por questões de exposição metodológica utilizaremos como referencial a década de 1930 com a invenção do projeto “Massachusetts Institute of Technology” (MIT⁴) em 1931 por Vannevar Bush, com tecnologia analógica e em 1937 foi desenvolvido o MARK I, por Howard Aiken, considerado o primeiro computador eletromecânico. Nas décadas seguintes foram inventadas outras tecnologias como o BINAC (1949), o EDVAC (1951) e o IAS (1952), o CDC 1604 (1959), entre outros.

⁴ Na década de 1980 este projeto chega ao Brasil, por intermédio da Unicamp, abrindo novas perspectivas para a construção do conhecimento.

A partir da década de 1930 alguns cientistas começaram a trabalhar com dispositivos de cálculo com algum tipo de sistema de controle automático. Já se dispunha da tecnologia necessária para se construir aquela estrutura imaginada por Babbage. Surgiram os primeiros computadores mecânicos e eletromecânicos e muitos projetos de computadores eletrônicos feitos posteriormente sofreram muitas influências dessas primeiras máquinas. (FONSECA FILHO, 2010, 101).

Com a difusão do sistema mundial de computadores, na segunda metade do século XX, a comunicação e a construção de novas linguagens foram favorecidas, permitindo ampliação do conhecimento.

Na segunda metade do século XX destacamos indícios de uso de tecnologias digitais para aprimorar as técnicas educacionais. Cabe ressaltar que o conceito de tecnologia educacional, não se restringe apenas às tecnologias digitais e cibernéticas, conforme se convencionou discutir de forma mais usual.

A incorporação das Tecnologias Digitais pelo campo educativo pode vir a propiciar processos de ensino/aprendizagem cada vez mais interativos, interdependentes e plurais, de forma articulada com a realidade dos sujeitos envolvidos, visto os instrumentais aí disponibilizados: recursos de dados, voz, imagens, textos, animações, links, etc. (FERREIRA; FRADE, 2010, p. 34).

Atualmente, percebemos a discussão sobre tecnologias educacionais voltada para a área das tecnologias digitais, tal fato encontra grande justificativa na ascensão que o conceito de “Tecnologias da Informação e da Comunicação” que permeia os debates educacionais.

As tecnologias da informação e da comunicação se transformaram em elementos constituintes (e até instituintes) das nossas formas de ver e organizar o mundo. Aliás, as técnicas criadas pelos homens sempre passaram a ser parte das suas visões de mundo. Isto não é novo. O que há de novo e inédito com as tecnologias da informação e da comunicação é a parceria cognitiva que elas estão começando a exercer na relação que o aprendiz estabelece com elas. [...] O papel delas já não se limita à simples configuração e formatação, ou, se quiserem, ao enquadramento de conjuntos complexos de informação.

Elas participam ativamente do passo da informação para o conhecimento. (ASSMAN, 2005, p.19).

Podemos afirmar que as TIC determinam um novo paradigma na construção do conhecimento, visto a inserção de nova lógica e dinâmica para os processos. A inserção de tecnologias digitais na área educacional é presente no contexto mundial desde o final do século XX, com o uso dos computadores em processos de ensino-aprendizagem. Entretanto é com o advento da internet que tais elementos são potencializados.

Nas décadas de 1980 e 1990 observamos no Brasil as primeiras experiências de inserção mais sistematizada de tecnologias digitais na área educacional, com objetivo claro de ampliar a capacitação de indivíduos para as mudanças mercadológicas que aconteciam em nível mundial. Uma das pioneiras na difusão deste novo discurso acerca das tecnologias foi a Universidade de Campinas – UNICAMP que divulgou e implantou o projeto MIT em território nacional. O debate que envolvia o projeto é expandido, sendo aceito pelos organismos governamentais de fomento à tecnologia e educação e passa a ser incluído na agenda de prioridade do Ministério de Educação (MEC). Um dos primeiros projetos de maior abrangência desenvolvidos no Brasil em torno da inclusão digital para a educação foi o Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO que buscava desenvolver projetos de “alfabetização tecnológica” nas escolas brasileiras. O programa funcionava com a abertura de polos de informática nas escolas públicas brasileiras, com facilitadores em cada unidade e desenvolvimento de encontros que favorecessem a aprendizagem.

Almeida (2009) ressalta que um dos principais problemas da Inclusão digital neste momento era a metodologia utilizada, ou melhor, a falta de metodologia. Observa que as tecnologias neste momento são observadas como ferramentas, não levando em consideração a diversidade cultural e realidades distintas de um país com dimensões continental. Afirma ainda que inicialmente

[...] a concepção arquitetônica desses espaços, a forma como estes surgiram na escola, quase sempre a partir de adequações e sobreposições realizadas em espaços físicos já existentes para dar lugar aos espaços denominados de “salas de informática”, onde os computadores foram instalados em formato de U, ou enfileirados no formato tradicional das salas de aula. Esses seriam os locais que

deveriam configurar-se enquanto “teleportos” por onde deveriam incorporar-se ao cotidiano escolar os “000001111110000000111119” transportados pelos fachos de luz transmitidos por suportes ótico-digitais em forma de fios de cobre e/ou em pares trançados, que conectam a escola aos universos cognoscentes e extramuros, concebidos nos espaços desterritorializados da imensidão digital que constitui o ciberespaço. (ALMEIDA, 2009, p. 11).

Inicialmente, segundo o autor, o que mais bloqueou o avanço da efetivação das tecnologias digitais no contexto educacional foi a metodologia quase inexistente. Entretanto, observamos que tal realidade foi modificada significativamente nas últimas duas décadas.

Desde a década de 1990 no Brasil percebeu-se a necessidade de uma ação mais efetiva acerca da inserção de tecnologias digitais no contexto escolar. Percebeu-se que parte da população brasileira não tinha acesso às inovações tecnológicas. Tal situação implicou em mudanças de estratégias em nível governamental com o desenvolvimento de políticas públicas destinada ao incentivo à inclusão digital.

O século XXI inseriu novas possibilidades para a inclusão de tecnologias da informação e comunicação na área educacional, fruto de intensas mobilizações dos defensores desta metodologia inovadora e pesquisas de grande fôlego neste campo do conhecimento.

Atualmente as TIC têm ampliado seu campo de atuação. Diariamente observamos novos aplicativos, nas ferramentas de busca e pesquisa, novos espaços virtuais para discussão e construção do conhecimento. A humanidade observa e participa destas mudanças, contribuindo na aquisição e formulação destas inovações. Como afirma Lévy (1999) o que marca esse novo contexto é a interação entre os indivíduos que usam, formulam e criticam as invenções modernas, dando margem para novas criações, estabelecendo uma cadeia de desenvolvimento que não se exaure.

São diversificadas as possibilidades de explorar conteúdos, temas e propor discussões utilizando as TIC, nos deteremos a seguir na análise entorno da educação e sexualidade, tendo como base algumas pesquisas realizadas em plataformas e sites de grupos de estudos sobre gênero, diversidade e sexualidade nas escolas.

As discussões sobre a sexualidade na escola e a colaboração das TIC

As discussões sobre sexualidade e diversidade no cotidiano escolar tem sido pauta constante na elaboração de planos de ensino. No entanto, sua efetivação não é concretizada. Os parâmetros curriculares nacionais de 1998, em seu volume que trata dos temas transversais – orientação sexual, apresentam que

a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo graus tem se intensificado a partir da década de 70, por ser considerada importante na formação global do indivíduo. Com diferentes enfoques e ênfases há registros de discussões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino. (BRASIL, 1998, p. 77).

A inclusão dos movimentos sociais, os questionamentos da sociedade contemporânea, a multiplicidade de informações que adentram o ambiente escolar já não permite que o posicionamento acerca da sexualidade seja velado ou permanecer no não dito entre os discursos de professores e alunos.

De acordo com Quirino (2013, p. 11) em sua dissertação onde aborda a temática sexualidade e educação, a “sexualidade possui um referencial teórico amplo, porém com relação a discussões sobre os encaminhamentos metodológicos, ainda são poucos os trabalhos”.

Partindo da concepção de que a escola se apresenta como ambiente socializador primeiro do indivíduo, fora das relações de parentesco, a sexualidade deve ser amplamente discutida e não hostilizada ou estereotipada nesse espaço relacional. Se vamos discutir sobre sexualidade é preciso estabelecermos um ponto de referência de conceituação, seja ele psicanalítico ou sociológico ou filosófico, mas não estritamente biológico. Assim, a sexualidade pode ser entendida, de acordo com Guacira Lopes Louro (1999, p. 06) como “uma invenção social, uma vez que se constitui,

historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”.

Concebendo a sexualidade uma categoria socialmente construída nos amplia as possibilidades de discussão sem que haja um engendramento dos conceitos. Assim, Michel Foucault (1997, p. 100) argumenta que

não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Tendo por base esses pressupostos sobre sexualidade e sua inserção como categoria discursiva no ambiente escolar brasileiro, inicialmente por intermédio dos PCN’s, é possível percebermos que as novas estratégias de efetivação da temática encontram-se aliadas às Tecnologias da Comunicação e Informação na educação a distância.

O Ministério da educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), apresentou como estratégia de superação da lacuna entre a elaboração das diretrizes e sua efetivação na escola, o programa de formação continuada em gênero e diversidade na escola como aperfeiçoamento aos professores das escolas da rede de ensino público do país na modalidade à distância. Desse modo, a visibilidade das discussões e o alcance real das possíveis interferências no ambiente escolar, vinculadas a atividade discente está sendo ampliada.

O acesso as discussões por meio da internet em fóruns, blogs, videoconferências, ou simplesmente pela troca de e-mails ou rede social, está mais ramificado. O compartilhamento de avanços e aquisições em relação a sexualidade na escola são divulgadas praticamente em tempo real.

O curso de aperfeiçoamento em gênero e diversidade na escola - GDE apresenta como um dos módulos de discussão a sexualidade e orientação sexual, cujo livro de acompanhamento está disponível no portal do professor, tem como objetivo abordar

Diferentes situações de preconceito e discriminação vivenciadas por homens e mulheres em função de suas identidades de gênero e de suas orientações sexuais. [...] a partir do cruzamento das categorias de gênero e orientação sexual, de uma reflexão sobre os direitos relativos à sexualidade e de um rápido panorama sobre as mobilizações e a organização do movimento no Brasil de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) (BRASIL, 2009, p. 111).

A proposta do curso é interessante, mas a participação no ambiente de aprendizagem é regida por seletivo realizado pela universidade a qual estará vinculado o que permite acesso mediante login e senha (Figura 01). Dessa forma, a participação é restrita por turmas e em períodos específicos, o curso tem a duração de seis meses e normalmente é realizado em parceria com as secretarias de educação municipal e estadual.

Figura 01: Página de acesso ao ambiente de aprendizagem do curso de aperfeiçoamento gênero e diversidade na escola - UFMA

UFMA
Universidade Federal do Maranhão

NEAD
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Portal de Acesso aos AVA's

AVA Graduação AVA 2013 AVA Capacitação AVA Pós-Grad.

Acesso ao AVA Capacitação

Login:

Senha:

Acessar

Esqueci a senha Cancelar

NEAD.ufma.br

Sistema de Vídeo

Biblioteca Virtual

Sistema de Inscrição

Fonte: NEAD/UFMA, 2014 (disponível em: <http://www.nead.ufma.br/acesso/>)

Outra possibilidade de participar das discussões e se aprimorar quanto às questões de sexualidade é através do projeto Web Educação Sexual que é organizado pelo Grupo de Estudos e Investigação em Sexualidade, Educação Sexual e TIC – GEISEXT do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa em parceria com os grupos de estudos no Brasil – EDUSEX da UDESC, GSEX da UNESP desde 2013 (Figura 02). O projeto, de acordo como está disponível no site, tem por objetivo

Organizar e formalizar uma rede de parceiros/as que estudam e investigam questões relativas à sexualidade, educação sexual, relações de gênero e diversidade sexual com o intuito de levar esses estudos e investigações aos professores/as que estão atuando na escola e as demais pessoas interessadas nessas questões. Utilizando-nos do potencial das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, abrimos espaços de estudos e discussões (GEISEXT, 2014).

Figura 02: Página de acesso ao projeto Web Educação Sexual



Fonte: GEISEXT, 2014 (Disponível em <http://www.weeducacaosexual.com/webinares/>)

O projeto Web Educação Sexual permite a confecção de certificado de participação de 12 horas, sendo que o participante deve assistir as webinares (videoconferência de única via) que pode ser ao vivo (de acordo com a programação) ou

gravadas, seguido do preenchimento de um questionário sobre o tema abordado. O ponto chave do projeto é possibilidade de acompanhar as discussões anteriores através das gravações e a participação é massificada pela gratuidade dos cursos.

Tanto o curso de aperfeiçoamento quanto as webinars do projeto Web Educação Sexual são alternativas utilizáveis para a aquisição de conhecimento por parte dos professores e comunidade escolar e acadêmica acerca das discussões sobre sexualidade. Assim como também podemos destacar os blogs construídos por professores para divulgação de material como os sites de eventos que discutem a temática.

Considerações finais

As TIC, com todo o seu avanço e dinamização da prática de ensino e do processo de ensino-aprendizagem, o uso da internet, a interatividade promovida pelo ambiente virtual, que destacamos no decorrer do artigo, têm favorecido o aprimoramento de professores para efetivação das políticas de inclusão da diversidade sexual no currículo escolar.

A cibercultura e suas especificidades de construção de conhecimento têm sido um espaço de liberdade de criação e de pronunciamento, o que talvez não fosse possível em uma discussão presencial.

A facilitação da aquisição de conhecimento, a obtenção de materiais e a troca de experiência dos diversos docentes em localidades diferentes concretizam a utilização das TIC como meio facilitador de debates. Porém, nas possibilidades apresentadas como estratégias possíveis, o acesso se restringe ao uso da internet para sua execução.

No entanto, partindo do ponto de vista que os conhecimentos construídos e reconstruídos dentro dos cursos de aperfeiçoamento, seja o gênero e diversidade na escola ou o projeto web educação sexual, são elaborados para serem aplicados no cotidiano escolar, a multiplicação de informações e a modificação conceitual e relacional dentro do estabelecimento não se limita à rede mundial de computadores - a cada aplicação teórica adquirida, um novo ponto de vista entra em discussão.

Referências

ALMEIDA, Doriedson Alves de. Tic e Educação no Brasil: Breve Histórico e Possibilidades Atuais de Apropriação. **Revista Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmica e Científica**. Programa de Pós-Graduação em Educação. v. 15, n. 2. Vitória, 2009.

ASSMANN, Hugo (Org). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: temas transversais**. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Gênero e diversidade na escola: Formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: Cepesc, 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015510.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2014.

FONSECA FILHO, Clézio. **História da computação [recurso eletrônico]: O Caminho do Pensamento e da Tecnologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FERREIRA, Márcia Helena Mesquita; FRADE Isabel Cristina Alves da Silva. **Tecnologias Digitais = Tecnologias Educacionais???** Pressupostos para uma avaliação. In: Anais do III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/p-w/tecnologias-digitais.pdf>. Acesso em 06 mai 2014

GEISEXT. Web educação sexual. 2014. Disponível em: <http://www.webeducacaosexual.com/webinares/>. Acesso em: 06 maio 2014.

HOBBSAWM, Eric. **Da Revolução Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1969.

_____. **A era das revoluções: 1789-1848**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MADRUGA, J.A.G. Aprendizagem por descobrimento frente a aprendizagem por recepção: La teoría Del aprendizaje verbal significativo. In: COLL, C. et. al. **Desarrollo psicológico y educación**. Madrid: Alianza Editorial, 1990, p. 81-89

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 9-34, 1999.

QUIRINO, Josiane da Silva. **Sexualidade na escola: encaminhamentos metodológicos na perspectiva dos professores de ciências**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mecem/arquivos_pdf/QUIRINO_Josiane_dissertacao.pdf. Acesso em: 06 maio 2014.

SILVA, Rosa Marisa Vieira da. Abordagem do tema da sexualidade utilizando a multimídia. Dissertação de mestrado. 2006. Faculdade de ciências – Universidade do Porto. Disponível em: < <http://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=oai:repositorio-aberto.up.pt:10216/64121>> Acesso em 06 maio 2014.